



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

DEDICE CECÍLIA DE ASEVEDO PEREIRA

ESPERANÇAS E FRACASSOS DOS RETIRANTES EM *VIDAS SECAS E MORTE E*
VIDA SEVERINA

Cajazeiras - PB

2024

DEDICE CECÍLIA DE ASEVEDO PEREIRA

ESPERANÇAS E FRACASSOS DOS RETIRANTES EM *VIDAS SECAS* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes

Cajazeiras – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

P436e	<p>Pereira, Dedice Cecília de Asevedo. Esperanças e fracassos dos retirantes em <i>Vidas Secas e Morte e Vida Severina</i> / Dedice Cecília de Asevedo Pereira. – Cajazeiras, 2024. 43f. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Análise literária. 2. Obra literária - Vidas secas. 3. Obra literária- Morte e vida Severina. 4. Análise comparativa- marginalização e idealismo. 5. Obras regionalistas. 6. Idealismo neutralizado. II. Pontes, Carlos Gildemar. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

DEDICE CECÍLIA DE ASEVEDO PEREIRA

**ESPERANÇAS E FRACASSOS DOS RETIRANTES EM *VIDAS SECAS* E
*MORTE E VIDA SEVERINA***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras – como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 13/ 11/ 2024

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos
(UAL/CFP/UFCG – Examinadora 2)

A Deus, a meu pai, à minha mãe e ao meu irmão
por todo amor e carinho. **Dedico!**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha fonte de força, paciência, e amparo na minha trajetória.

Ao meu pai, Cicero Lima Pereira, e à minha mãe, Maria Pereira de Asevedo, por serem os melhores pais que eu podia ter e por todo o amor que puderam me dar.

Ao meu irmão, Gustavo de Asevedo Pereira, por ser a luz que Deus enviou para iluminar meus dias mais turbulentos.

Aos meus familiares, avó, tios, primos e amigos que participaram de forma direta ou indireta da minha formação acadêmica.

Ao meu avô e padrinho, *in memoriam*, por todo o carinho e dedicação aos seus filhos e netos.

Em especial aos meus colegas de turma, Anderson Felipe, Kamila, Jorge Wesley, Luana, Arthur Bruno, José Inácio, Manoel Neto, pelo carinho, amizade, companheirismo e palavras de apoio seja nos momentos bons ou ruins.

À Vanessa, Larissa, Deise e Lorrana, pela nossa amizade, apoio e atenção em cada detalhe.

Aos professores do curso de letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/Centro de Formação de Professores (CFP), por todos os ensinamentos, atenção e dedicação para conosco.

Ao meu orientador, Carlos Gildemar Pontes, pelas palavras de apoio e por todo o auxílio durante a escrita da monografia.

Por fim, à Dedice Cecília, na versão adolescente, por ter decidido arriscar ao começar o Curso de Letras e, mesmo sem esperar, ser surpreendida tanto por amizades incríveis quanto por um imenso amor pela área.

“[...] o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde”

(Ramos, 2022, p. 8).

RESUMO

Em *Vidas secas* e *Morte e vida severina* observamos narrativas marcadas pelo regionalismo, representativas do sofrimento vivenciado pelos moradores do Nordeste brasileiro com o fenômeno que assola essa região: a seca. Os personagens Fabiano, de *Vidas secas* e Severino, de *Morte e vida severina* realizam uma jornada em busca de melhores condições de vida, onde ambos os personagens enfrentam as consequências desse fenômeno climático. Nesse contexto, a presente pesquisa constatou que o Idealismo Neutralizado - o processo de conquista e apagamento desta realização - nas vidas dos personagens está associado às suas condições de pobres diabos. Os acontecimentos que ocorrem na vida de cada um caracterizam o processo de ter o sonho de resolver suas vidas fracassadas por conta da condição primeira que os acomete de serem pobres e oprimidos pela condição de vida miserável que impede de se libertarem para viver uma vida melhor. Para amparar teoricamente este trabalho, utilizamos como fundamentação os estudos de Paes (1990) e Pontes (2014) sobre os Pobres Diabos e o Idealismo Neutralizado, as considerações de Torres (2012) sobre a obra *Morte e vida severina* e os estudos de Lima (2013) sobre o romance *Vidas secas*.

Palavras-chave: Pobres Diabos. Vidas secas. Morte e vida severina. Marginalização. Fabiano e Severino.

ABSTRACT

In *Barren Lives* and *Death and life of a Severino* we observe narratives marked by regionalism, representative of the suffering experienced by residents of the Brazilian Northeast due to the phenomenon that devastates this region: drought. The characters Fabiano, from *Barren Lives* and Severino, from *Death and life of a Severino*, undertake a journey in search of better living conditions, where both characters face the consequences of this climatic phenomenon. In this context, this research realised that Neutralized Idealism in the characters' lives is associated with their conditions as poor men. The events that occur in each one's life characterize the process of having the dream of fixing their lives failing due to the primary condition that affects them of being poor and oppressed by their miserable living condition, which prevents them from freeing themselves to live a better life. To theoretically support this work, we used as a basis the studies of Paes (1990) and Pontes (2014) on the Poor Men and Neutralized Idealism, the considerations of Torres (2012) on the work *Death and life of a Severino* and the studies of Lima (2013) about the novel *Barren Lives*.

Keywords: Poor Men. *Vidas secas*. *Morte e vida severina*. Marginalization. Fabiano and Severino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A POBREDIABRICE EM VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA	13
2.1 VIDAS SECAS.....	13
2.2 MORTE E VIDA SEVERINA.....	14
2.3 FABIANO E SEVERINO COMO POBRES DIABOS	20
3 A ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E O IDEALISMO NEUTRALIZADO NAS OBRAS REGIONALISTAS VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA.....	28
3.1 O IDEALISMO NEUTRALIZADO PRESENTE EM VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Na consolidação do Modernismo, de 1930 a 1945, o país viveu intensas transformações no cenário político, econômico, social e cultural. Os principais autores deste movimento são nordestinos que apresentavam em suas obras, de forma realista e inovadora, através de uma linguagem regional e simples, os problemas sociais enfrentados pelos nordestinos, como a fome e a miséria causadas pela seca, por meio de personagens resistentes às adversidades encontradas ao longo do caminho.

Por vezes o homem usa a literatura como instrumento de denúncia da realidade vivida por milhares de pessoas, ou seja, por mais que a literatura não possa ser considerada um “espelhamento” do “mundo real” ambas convergem entre si, de modo que o leitor possa perceber pontos de aproximação entre a realidade e a literatura (Iser, 2002 *apud* Dornelas, 2020). Dessa forma, ao longo da história, algumas correntes estéticas relacionaram a ficção e a realidade.

Dentre estas correntes literárias, iremos dar destaque ao Modernismo, visto que este corresponde à época em que foi escrito o *corpus* de análise desta pesquisa, *Vidas secas* (1938) e *Morte e vida severina* (1956). O Modernismo pode ser entendido como manifestações artísticas que tiveram seu início em 1922, no qual vários intelectuais buscaram trazer inovações para a arte e para a literatura brasileira. Uma de suas características era a abordagem realista, principalmente, da região Nordeste do país nas obras escritas neste período.

Vale ressaltar que o Modernismo buscou romper com o costume de buscar influências estrangeiras para compor as obras brasileiras, sem olhar para o que ocorria dentro do país. Dessa forma, inicialmente, o movimento buscava libertar a escrita da estética parnasiana gerando assim mais liberdade para os escritores.

Neste trabalho iremos focar nas obras *Vidas secas* escrita por Graciliano Ramos¹ em 1938 e *Morte e vida severina* escrita por João Cabral de Melo Neto² em 1956. Ambas tratam

¹ Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, Alagoas, em 1892 e faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 1953. Filho de pais humildes, Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos, viveu um período em uma fazenda adquirida pela família para a criação de gado. Depois dos negócios no campo não darem certo em decorrência da seca, deixaram o lugar e voltaram para o comércio. Depois de ter vivido um ano no Rio de Janeiro – em 1914 – ele foi morar em Palmeira dos Índios, onde foi prefeito por três anos. Suas obras tiveram como inspiração a região Nordeste e episódios de sua vida, dentre elas podemos citar o romance *Infância* (1945) onde conta algumas vivências de sua infância, *Memórias do Cárcere* (1953), *São Bernardo* (1934) *Caetés* (1933), *Angústia* (1936), *Vidas secas* (1938).

² João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade de Recife, no estado do Pernambuco, em 1920 e veio a falecer no ano de 1999 no Rio de Janeiro. Filho de Luís Antônio Cabral de Melo e Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo.

de personagens que, ao longo da história, não perdem a esperança de encontrar um lugar digno para viver sem sofrerem com as dificuldades ocasionadas pela seca do Nordeste, pois, para eles, “a esperança é a mola propulsora da procura, que aponta para uma possibilidade de vitória” (Santos, 2015, p. 162), ou seja, a esperança de conseguir morar num lugar longe do sofrimento trazido pela estiagem é o que os impulsiona a trilhar novos caminhos, mesmo com viagens extremamente desgastantes.

Em vários momentos da História, o Nordeste passou por várias secas³, um fenômeno climático que atinge especialmente o semiárido nordestino. No período de estiagem, os habitantes dessa região sofrem com a falta de água, alimentos e a morte de animais e plantas, o que resulta na necessidade de ir para outro local em busca de melhores condições de vida, ocorrendo, assim, o processo de êxodo rural.

Ao longo da história, os nordestinos já enfrentaram várias secas e, por mais que a sociedade tenha evoluído ao criar reservatórios de água, como açudes e cisternas, os longos períodos sem chuva não deixaram de ser um problema para região. Com a irregular distribuição de chuvas, a população desta região sofre com a falta d’água, o que gera o desabastecimento de cidades, prejuízos nas lavouras, a morte de animais e plantas que não são adaptadas ao clima seco.

Por vezes, em obras que descrevem o cenário nordestino, é comum aparecer plantas de espécies resistentes à seca, como os juazeiros, e, por esta razão, podem representar, de forma subjetiva, a persistência do homem em resistir às adversidades em um lugar quase impróprio à vida. Como exemplo, podemos citar a obra *Vidas secas* na qual, ao ver os Juazeiros, no início da trama, “[...] Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos” (Ramos, 2022, p. 10), recebendo, assim, uma injeção de ânimo para continuar sua jornada.

Em 1926, Gilberto Freyre ao lado de outros autores, como José Lins do Rego e José Américo de Almeida, organizaram em Recife um Congresso intitulado *Congresso Regionalista de Recife*, cujo objetivo era produzir uma literatura regional voltada especialmente para os problemas reais que o Nordeste enfrentava. Em 1926, Freyre publicou o *Manifesto*

Sua infância se deu em meio à engenhos de açúcar e, com a mudança da família para o Recife em 1930, começou a estudar no colégio Marista e, logo depois, tem início seu gosto por poesia. Em 1947, ao viajar para o Rio de Janeiro passa a integrar um grupo de intelectuais ao lado de Carlos Drummond de Andrade e Murilo de Andrade. Entre suas principais obras está a *Pedra do Sono* (1942), *O engenheiro* (1945), *O cão sem plumas* (1950) e *O rio* (1953).

³A região Nordeste do país é favorável à ocorrência de secas devido, principalmente, ao clima, já que cerca de 90% da região é semiárida, o que explica as altas temperaturas e as chuvas escassas e mal distribuídas ao longo do ano. Além disso, aproximadamente metade dos terrenos da região são formados por uma rocha dura, cristalina, que não favorece a retenção de água no solo, o que dificulta o armazenamento de água em longos períodos de estiagem.

Regionalista, onde falava da importância de escrever, relatar para o Brasil e para o Mundo os problemas vivenciados pelos nordestinos. Diante disso, diversos autores como Rachel de Queiroz (1910-2003), Graciliano Ramos (1892- 1953), Jorge Amado (1912- 2001), José Lins do Rego (1901- 1957), entre outros, publicaram obras regionais que, na maioria das vezes, (com exceção da trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, que discorre sobre o estado do Rio Grande do Sul) relatam as consequências dos longos períodos de secas vivenciadas pelos nordestinos.

De acordo com Coutinho (1955 *apud* Araújo, 2006), uma ficção de caráter regionalista tanto possui características naturais da região como a flora, a fauna e o clima quanto os costumes da região. Portanto, um romance regionalista, além de ter descrições sobre a paisagem do local, narra também a convivência, os costumes e a peculiaridade dos personagens daquela região. Vale ressaltar que o romance regional é típico do Brasil, uma vez que nesse tipo de obra é retratada a realidade de determinadas regiões brasileiras, em especial o sertão nordestino.

Vale ressaltar que de acordo com Torres (2012) a obra *Morte e vida Severina* não é um romance, mas um poema dramático narrativo, já que sua escrita se dá em versos organizados em estrofes.

Nesta perspectiva, por meio destas obras tivemos o objetivo de apresentar um Brasil multifacetado, diverso culturalmente, onde inúmeras pessoas marginalizadas sofrem com a falta de alimento, água, moradia e com a exploração nas relações de trabalho. Estes personagens são marginalizados e, por isso, também são considerados Pobres Diabos, já que são excluídos, inferiorizados e oprimidos pelas pessoas que detém o poder econômico e social. Essa é uma categoria de análise elaborada por José Paulo Paes, a partir do conceito inicial de Mário de Andrade e estudada por Carlos Gildemar Pontes, em seu livro *Seres ordinários: o anão e outros pobres diabos na literatura* (2014).

Nesta perspectiva, o Pobre Diabo é um anti-herói fracassado que reúne vários fracassos ao longo da história. Fabiano e Severino representam muitos indivíduos que, ao longo do século XX, deixaram o Nordeste para ir em busca de melhores condições de vida que, supostamente, as regiões urbanas apresentavam. Vale ressaltar que no início do século XX, o Brasil estava passando por um processo de industrialização, especialmente no Sudeste, aspecto que intensificou a urbanização do país.

Para tanto, este trabalho objetiva identificar as características dos personagens Fabiano e Severino, de *Vidas secas* e *Morte e vida severina*, respectivamente, que os fazem ser considerados Pobres Diabos, bem como os acontecimentos presentes nas obras que os tornam

Pobres Diabos através do Idealismo Neutralizado, ou seja, eles podem ser considerados Pobres Diabos diante do processo de conquistas e percas destas realizações.

Desta forma, utilizamos como fundamentação teórica os estudos de Paes (1990) e Pontes (2014) sobre os Pobres Diabos e o Idealismo Neutralizado, as considerações de Torres (2012) sobre a obra *Morte e vida severina* e os estudos de Lima (2013) sobre o romance *Vidas secas*.

Esta pesquisa justifica-se por sua relevância no meio acadêmico e social, uma vez que aborda a marginalização e a invisibilidade de personagens na perspectiva da pobrediabrice, tema pouco abordado no âmbito acadêmico. Uma vez que este tema não é tão encontrado nas bases de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao ministério da Educação.

Para sistematizar a leitura, a presente pesquisa está dividida em duas seções que consiste na apresentação do corpus de análise deste trabalho, bem como a caracterização destes personagens como Pobres Diabos e, em seguida, os momentos de esperança, tanto de Fabiano e sua família quanto a de Severino em ter uma vida melhor, mas, em decorrência de sua condição inerente de pobre diabo, essas conquistas vêm acompanhadas de fracassos.

2 A POBREDIABRICE EM VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Para darmos início à discussão, iremos partir da apresentação das obras a fim de situar o leitor em relação aos principais acontecimentos e características das obras e prosseguiremos caracterizando tanto Fabiano quanto Severino como Pobres Diabos.

Tanto o romance *Vidas secas* quanto o poema *Morte e vida severina* trazem como personagens nordestinos analfabetos, desempregados, pobres e marginalizados e, por isso, podem ser considerados pobres diabos, porém com tamanha força e determinação para irem em busca de melhores condições de vida e fugir das consequências da seca impostas a eles.

Segundo Santos (2020) a marginalização é o resultado dos processos sociais, políticos e econômicos que conduzem os indivíduos para condições de exclusão, ou seja, os impedem de fazer parte de determinados grupos e ter acesso a direitos essenciais, como saúde, educação e moradia.

2.1 VIDAS SECAS

O romance mostra o cotidiano de uma família de retirantes marginalizados que, em meio às adversidades encontradas pelo Nordeste como a seca, a desigualdade social e o abandono pelo governo, lutavam pela sobrevivência. No entanto, apesar de todos os obstáculos, eles possuíam a esperança de ter e lutar por uma vida mais digna.

Por ser uma obra regionalista e além disso bastante realista ela apresenta descrições da fauna e da flora próprias da região. Vale ressaltar que tanto os personagens quanto o título fazem referência à seca no Nordeste. Assim, como o ambiente apresentava securo, chão de aspecto seco e duro, as atitudes, características e as ações dos personagens também remetiam à dureza e rigidez presentes no ambiente, como podemos perceber no seguinte fragmento em relação ao dono da fazenda que por sua vez remete ao aspecto seco da região: “tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (Ramos, 2022, p. 23).

Segundo França (2014) os capítulos de *Vidas secas* foram publicados inicialmente em forma de contos individuais e, posteriormente, foram reunidos formando um romance. A obra divide-se em 13 capítulos dispostos na seguinte ordem: 1- Mudança, 2- Fabiano, 3- Cadeia, 4- Sinha Vitória, 5- O menino mais novo, 6- O menino mais velho, 7- Inverno, 8- Festa, 9- Baleia, 10- Contas, 11- O soldado amarelo, 12- O mundo coberto de penas, 13- Fuga.

O romance inicia com Fabiano e sua família (composta por sua esposa Sinha Vitória, as crianças, que não possuem nomes, sendo chamados apenas de menino mais velho e menino mais novo, e a cachorra chamada Baleia) procurando moradia e se refugiando do sol escaldante debaixo de dois juazeiros. Como já não tinham nada para comer, comem um preá que Baleia caçara.

Logo em seguida, encontram uma fazenda abandonada onde começam a fazer morada. Porém, com a chegada do inverno o dono das terras chega e tenta os expulsar, mas Fabiano consegue permanecer na propriedade e trabalhar como vaqueiro e, no final, a seca volta e eles são obrigados a deixar a fazenda e ir em busca de outra moradia.

Fabiano é a representação de muitos retirantes que viviam em terras nordestinas, um personagem de poucas palavras, pobre, analfabeto, desempregado e sem-teto. Por não ter instrução, não consegue se defender de seus opressores. Ao longo do romance, vive várias injustiças e explorações das pessoas que possuem mais poder que ele, como o seu patrão, o soldado amarelo que o prende injustamente, e os vendedores que o enganam.

Fabiano e família levavam uma vida simples, sem poder aquisitivo e sem muitos bens materiais. Como exemplo, no início do romance as crianças dormiram debaixo das sombras dos juazeiros e foram cobertas por ‘molambos’ (Ramos, 2022) e, aliado a isso, Sinha Vitória desejava uma cama de couro e não de varas, o que revela a falta de ambição devido a vida simples que levavam.

Vidas secas, segundo Baumgarten (1986 *apud* Botoso, 2013), é considerado um romance circular, pois os capítulos relacionam-se entre si. Assim, a narrativa começa e termina com a família caminhando em busca de um lugar que não lhe trouxesse tanto sofrimento. Por mais que eles tivessem conseguido encontrar uma fazenda abandonada onde moraram por alguns dias, não conseguiram permanecer na propriedade, devido o início de uma nova seca, tendo que procurar outro lugar para fazer morada.

2.2 MORTE E VIDA SEVERINA

De acordo com Torres (2012) a obra *Morte e vida severina* foi escrita a pedido da filha de Aníbal Machado, um amigo de João Cabral de Mello Neto, para o seu grupo teatral O Tablado encenar. Para escrever o poema narrativo, João Cabral de Mello Neto buscou inspiração no texto do folclorista Pereira da Costa - com uma rica pesquisa sobre versos, poesias, canções, crendices e brincadeiras do povo nordestino, ele foi o primeiro folclorista brasileiro nas primeiras décadas do século XX – e em recordações de sua infância, como as

histórias que as pessoas humildes lhes contavam ao ler os cordéis que vendia em feiras livres, além de sua experiência como diplomata.

A obra é um auto realista onde, além de haver descrições da paisagem nordestina, ele também denuncia a realidade vivenciada pelos nordestinos, como a fome, a miséria, a falta de emprego na lavoura e o latifúndio. Os autos são peças de teatro encenados em um único ato, datados do século XV e originários da Península Ibérica, com temas religiosos, morais ou pedagógicos. Por sua vez, a obra recebeu o subtítulo de Auto de Natal Pernambucano, ao fazer referência indireta ao nascimento de Jesus, pois, na obra, o nascer de uma criança trouxe esperança para o retirante, assim como o nascimento de Jesus trouxe a salvação e a esperança de um mundo mais justo para os homens.

O auto foi escrito em dezoito cenas e possui como protagonista Severino, um retirante que, ao presenciar tantas mortes causadas pelas más condições de vida do Nordeste, percorre o estado de Pernambuco do interior até o Recife em busca de emprego e moradia.

A narrativa começa com Severino começando a sua trajetória em busca de um lugar que lhe trouxesse um pouco de conforto, um lugar para trabalhar e que não tivesse tantas mortes, porém ele não conseguiu o tão sonhado local para batalhar e prosperar.

Vale ressaltar que, na obra, a expressão “Severino”, além de indicar o nome do personagem, também indica os nordestinos que são acometidos com o sofrimento que é vivenciado no Nordeste. Dessa forma, Fabiano e sua família também podem ser considerados como “Severino” devido às más condições em que se encontram.

A obra se inicia com Severino se apresentando e, logo depois, partindo para a sua peregrinação guiando-se pelo Rio Capiberibe. Durante o trajeto, Severino passa pelo Sertão, Agreste, Zona da Mata e Litoral de Pernambuco em busca de uma vida melhor.

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(Mello Neto, 2010 p. 75)

Ao longo da trama, Severino depara-se com a morte em vários momentos. A primeira foi de um ‘Severino’ sendo levado ‘pelos irmãos de almas’ morto por latifundiários devido a um pedaço de terra.

-A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?

dizei que eu saiba.
 - A um defunto de nada,
 irmão das almas,
 que há muitas horas viaja
 à sua morada.
 - E sabeis quem era ele,
 irmãos das almas
 sabeis como ele se chamava?
 - Severino Lavrador,
 mas já não lavra.
 (Mello Neto, 2010, p.77)

Logo adiante, ele encontra um vilarejo onde, em uma casa próxima, está acontecendo um velório de outro ‘Severino’, enquanto várias rezadeiras estão cantando hinos fúnebres em homenagem a este personagem morto.

Mas não vejo almas aqui
 nem almas mortas nem vivas;
 ouço somente à distância
 o que parece cantoria.
 será novena de santo,
 será algum mês-de-Maria;
 quem sabe até se é uma festa
 ou uma dança não seria?
 Na casa a que o retirante chega estão
 cantando excelências para um defunto,
 enquanto um homem, do lado de fora,
 vai parodiando as palavras dos cantadores
 (Mello Neto, 2010, p. 81)

Com o intuito de conseguir um trabalho, Severino conversa com uma moradora do local, mas como na região possui apenas ocupação para quem trabalha com alguma função relacionada a morte, seja coveiro, rezadeira, curandeira etc., ele sendo agricultor não conseguiu permanecer e trabalhar no espaço.

- Muito bom dia, senhora,
 que nessa janela está;
 sabe dizer se é possível
 algum trabalho encontrar?
 - Trabalho aqui nunca falta
 a quem sabe trabalhar;
 o que fazia o compadre
 na sua terra de lá?
 - Pois fui sempre lavrador,
 lavrador de terra má;
 não há espécie de terra

que eu não possa cultivar.
 - Isso aqui de nada adianta,
 pouco existe o que lavrar;
 mas diga-me, retirante,
 que mais fazia por lá? [...]
 e além da terra, me diga,
 que mais sabe trabalhar?
 -Sei também tratar de gado,
 entre urtigas pastorear:
 gado de comer do chão
 ou de comer ramas no ar.
 - Aqui não é Surubim
 nem Limoeiro, oxalá!
 Mas diga-me, retirante,
 que mais fazia por lá?
 - Em qualquer das cinco tachas
 de um banguê sei cozinhar;
 sei cuidar de uma moenda,
 de uma casa de purgar. [...]
 nada mais o retirante
 aprendeu a fazer lá? [...]
 mas diga-me retirante,
 sabe benditos rezar?
 sabe cantar excelências,
 defuntos encomendar?
 sabe tirar ladainhas,
 sabe mortos enterrar? [...]
 - Pois se o compadre soubesse
 rezar ou mesmo cantar
 trabalhávamos a meias [...].
 (Mello Neto, 2010, p. 84-86).

Então Severino chega à Zona da Mata e, deparando-se com uma paisagem verde, logo se anima ao pensar na possibilidade de ter encontrado um lugar próspero para se viver, longe de todo sofrimento causado pela seca. No entanto, ele nota o lugar vazio, depara-se novamente com a morte e ao perceber que ali não conseguiria alcançar seus objetivos, decide ir embora. Vale relembrar que a morte encontrada na Zona da Mata não tem relação com a seca, mas sim com a prática de latifúndio.

Como ela é uma terra doce
 para os pés e para a vista.
 Os rios que correm aqui
 Têm a água vitalícia.
 Cacimbas por todo lado;
 cavando o chão, água mina. [...]
 Quem sabe se nesta terra
 Não plantarei minha sina? [...]
 Por onde andaré a gente
 que tantas canas cultiva?
 Feriando: que nesta terra

tão fácil, tão doce e rica,
 não é preciso trabalhar
 todas as horas do dia,
 os dias todos do mês,
 os meses todos da vida.
 Decerto a gente daqui
 jamais envelhece aos trinta
 nem sabe da morte em vida,
 vida em morte, severina;
 e aquele cemitério ali,
 branco na verde colina,
 decerto pouco funciona
 e poucas covas aninha.
 Assiste ao enterro de um trabalhador
 De eito e ouve o que dizem do morto os
 Amigos que o levaram ao cemitério.
 - Essa cova em que estás,
 com palmos medida,
 é a conta menor
 que tiraste em vida.
 - É de bom tamanho,
 nem largo nem fundo,
 é a parte que te cabe
 deste latifúndio. [...]
 - É uma cova grande
 para teu pouco defunto parco,
 porém mais que no mundo
 te sentirás largo.
 (Mello Neto, 2010, p. 88-89).

Chegando em Recife, Severino, encostado em um muro de cemitério, onde sentou-se para descansar do longo percurso, ouve um diálogo entre dois coveiros no qual, de acordo com eles, diariamente chegavam retirantes na cidade e que, infelizmente, o destino era a morte. Neste momento, Severino, frustrado com o diálogo que acabara de ouvir, pensa em cometer suicídio se atirando em um rio para acabar, assim, o seu sofrimento. A morte encontrada no Recife não tem relação com a seca e sim com os problemas sociais relacionados com a falta de políticas públicas.

- O dia hoje está difícil;
 não sei onde vamos parar.
 Deviam dar um aumento,
 ao menos aos deste setor de cá. [...]
 Se trabalhasses no de Casa Amarela
 Não estarias a reclamar.
 De trabalhar no de Santo Amaro
 Deve alegrar-se o colega
 porque parece que a gente
 que se enterra no de Casa Amarela
 está decidida a mudar-se

toda para debaixo da terra.
- É que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.
Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei). [...]
- É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar
Não têm mais o que esperar.
- Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
-E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar. [...]
quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.[...]
- Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidades e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ou meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro seguia.
só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:

caixão macio de lama,
 mortalha macia e líquida
 coroas de baronesa
 junto com flores de aninga,
 e aquele acompanhamento
 de água que sempre desfila
 (Mello Neto, 2010, p. 94-100).

Felizmente, Severino encontra um carpinteiro e, ao conversar com ele, o retirante pede pelo menos um motivo para não morrer. Neste momento o filho do mestre Carpina nasce ‘trazendo’ vida e esperança à Severino, pois, em meio a tanta morte, a vida de uma criança que acabara de nascer representava a esperança, o nascimento da criança trazia alegria a todos que estavam próximos.

- Compadre José, compadre,
 que na relva estais deitado:
 conversais e não sabeis
 que vosso filho é chegado?
 Estais aí conversando
 em vossa prosa entretida:
 não sabeis que vosso filho
 saltou para dentro da vida
 ao dar seu primeiro grito;
 (Mello NETO, 2010, p.103)

Dessa forma, podemos perceber que os personagens das obras estudadas são indivíduos marginalizados que sofrem com a falta de recursos essenciais para sua sobrevivência, como água, alimentos, moradia, além de não terem acesso à educação. Em decorrência de tamanha exclusão, eles são considerados Pobres Diabos, como veremos a seguir, uma vez que a condição de marginalizados é inerente a eles.

2.3 FABIANO E SEVERINO COMO POBRES DIABOS

Para chegarmos à definição de Pobres Diabos⁴, temos que partir do conceito de herói e anti-herói literário, uma vez que esta categoria de análise está situada entre esses aspectos. O herói literário é um ser idealizado que induz modelos de comportamento exemplar, coragem e superação de desafios. Ele geralmente é descendente de famílias nobres, cuja chegada é anunciada por oráculos aos seus pais e que, ao nascer, é rejeitado ou escondido até que seja

⁴ Para Paes (1990), o termo Pobre Diabo pode ter aparecido inicialmente em fábulas que possuíam como temática o Demônio. Considera-se que a primeira aparição do termo em textos tenha sido em uma fábula de La Fontaine, O Diabo de Papafiguière, cujo autor o chama de “pauvre diable”.

encontrado e volte para sua vida “original”. Além disso, seu comportamento grandioso, assim como sua inteligência ou moral, causa admiração, e o desejo de imitá-lo suscita diversas culturas.

Em contrapartida, o anti-herói, de acordo com Brombert (2001), é um ser marginal que não possui os ‘valores’ do herói literário, como a grandeza, e está inserido em ambientes grotescos, assim como o seu estado físico também pode ser considerado excêntrico. Atrelado a isso, ele pode ser visto como um personagem problemático e de caráter rebelde. Nesse contexto, temos a categoria de análise criada por José Paulo Paes, a partir das observações de Mário de Andrade sobre o tipo de personagem inferiorizado no contexto narrativo (Pontes, 2014).

De acordo com Mário de Andrade, o Pobre Diabo está fadado ao fracasso – ele chega ao fracasso independentemente de sua classe social, pois eles fracassam em seus ideais, não importa a profissão, se é um fazendeiro, um nordestino, comerciante etc., ele irá fracassar diante de uma ocasião aparentemente estável ou já será em si um fracassado.

A expressão Pobre Diabo está associada, semanticamente, à falta de bens materiais e dinheiro, e ao conceito de mal, negatividade ou de rebeldia, em decorrência do campo semântico da palavra pobre e da palavra diabo, respectivamente.

Pode-se atribuir à referida expressão, um sentido de comiseração pelo infortúnio dos personagens, em função do adjetivo Pobre preceder o substantivo Diabo.

Os Pobres Diabos são personagens excluídos da sociedade que sempre estão em condição de desvantagem em relação aos outros personagens. São grotescos, marginalizados e menosprezados, seja por não ter condições financeiras, vitalidade ou sofrer repressão de pessoas com mais poder. Em ambas as obras, podemos observar várias características que fazem os personagens principais serem considerados Pobres Diabos.

Vidas secas mostra personagens que, em meio à tamanha exclusão, ao viverem condenados à solidão, isolados da convivência em sociedade, da convivência sentem medo. No excerto a seguir podemos observar, além do sentimento de inferioridade de Fabiano ao se comparar as pessoas da cidade, à sua desconfiança para com eles “comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele” (Ramos, 2022, p. 74).

Além de Fabiano, as crianças, ao irem à cidade para uma cerimônia religiosa, também se sentiram inferiores ao chegarem no local e depararem com uma realidade totalmente diferente da qual estavam acostumados:

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? [...] os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encadeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos (Ramos, 2022, p. 72).

Tanto o menino mais velho quanto o menino mais novo sentiram medo ao chegar à cidade e, deparando-se com mais pessoas do que estavam acostumados a ver, escondiam-se atrás de paredes e casas com medo de chamar atenção.

A falta de identificação é outro aspecto que evidencia a exclusão destes personagens. Em *Vidas secas*, as crianças não possuem nomes, sendo chamados apenas de menino mais velho e menino mais novo, e seus pais não possuem sobrenomes. Em *Morte e vida severina*, apesar de o protagonista possuir um nome próprio, não se difere de outros ‘Severinos’, ou seja, esta expressão é usada para designar todos os nordestinos que sofrem com a fome, adoecem, enfrentam secas e, por isto, possuem o desejo de migrar:

- O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.
 Mas isso ainda diz pouco:
 há muitos na freguesia, [...]
 Somos muitos Severinos
 Iguais em tudo na vida: [...]
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte Severina [...]
 (Mello Neto, 2010, p.75-76)

Além disso, a falta de comunicabilidade também pode ser considerada uma particularidade que reforça a sua caracterização como Pobres Diabos, uma vez que agrava a condição de marginalização imposta a eles. Fabiano “via-se perfeitamente que [...] não tinha nascido para falar certo” (Ramos, 2022, p. 21), justamente por não possuir habilidade comunicativa e, por se ver incapaz de falar, ele passava mais tempo com os animais do que com

as pessoas por não precisar ‘falar’ com eles, “às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos [...]” (Ramos, 2022, p. 18).

De forma semelhante, a família de Fabiano tinha o vocabulário escasso. O menino mais novo tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Para se expressar ele “valia-se, pois, de exclamações, e de gestos [...]” (Ramos, 2022, p. 55). No capítulo “Inverno”, em uma noite de chuva, encontravam-se todos em casa e, ao invés de conversas, as crianças ouviam os pais falando “[...]frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. [...]. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto” (p. 62).

A falta de poder aquisitivo também é uma das características inerentes aos pobres diabos e tanto Fabiano, junto de sua família, quanto Severino não possuíam dinheiro para suprir necessidades básicas de sobrevivência, entre elas a alimentação básica. Como podemos perceber em *Vidas secas*, a família não tinha casa nem comida, como podemos ver no início da obra que eles “apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de mucunã” (Ramos, 2022, p. 17) e em *Morte e vida severina* que, ao conversar com a moradora da região, Severino diz que na sua terra “[comia] quando havia o quê e, havendo ou não, trabalhar” (Mello Neto, 2010, p. 86).

Arelado a falta do poder aquisitivo, o Pobre Diabo também sofre repressão dos que possuem mais poder, uma vez que “a posse ou a ausência de alguma coisa é uma característica que define o homem pelo seu poder sobre os outros” (Pontes, 2014, p. 92), ou seja, quando um homem possui mais conhecimento, educação ou bens materiais em relação a outro indivíduo, exerce poder sobre ela. Em *Vidas secas*, Fabiano sempre estava em desvantagem em relação àqueles que possuíam conhecimento, como podemos ver no trecho a seguir: “Ouvira falar em juros e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras” (Ramos, 2022, p. 94).

Por ter pouca instrução, no que diz respeito à contagem de dinheiro, tanto seu patrão quanto os comerciantes sempre o roubavam em acertos de conta:

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu, os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! [...]. Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa

que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa (Ramos, 2022, p. 92-93).

Apesar de sua vontade, Fabiano não os confrontava, mesmo desconfiando de ter sido roubado. Ele pensava em sua esposa e nas crianças e, por medo de ser expulso da fazenda ou sofrer outra retaliação, como no dia em que fora preso, permanecia em silêncio, humilhado e na condição de dominado.

A relação entre Fabiano e seu patrão era marcada por um intenso abuso de poder. Fabiano, por não ter instrução, se prestava aos comandos do dono da fazenda

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono (Ramos, 2022, p. 21).

Sempre que o dono da fazenda visitava a propriedade, colocava defeitos no trabalho de Fabiano, deixando-lhe irritado. Porém, ao mesmo tempo, ele conformava-se, pois sabia que ele era o dono e podia mandar e desmandar no local, restam-lhe obedecer às suas ordens.

A esperança de conseguir reconhecimento durante a sua vida e a consciência de que passaria o resto de sua vida trabalhando em terras alheias recebendo ordens pode ser considerada uma característica dos pobres diabos, uma vez que o fracasso é uma condição inerente a estes personagens e romper este ciclo está fora da realidade deles.

Outra característica imbricada ao conceito de Pobre Diabo é a descrição que se faz por meio de comparações. O tema da animalização de personagens é uma característica que faz referência ao tema do grotesco, uma vez que “a referência frequente do grotesco às partes baixas do corpo é uma derivação do tema da animalidade” (Sodré; Paiva, 2002, p. 50 *apud* Pontes, 2014, p. 51). Em *Vidas secas*, vemos a comparação de Fabiano à um animal, como ilustra o trecho a seguir:

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...] Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha. – Um bicho, Fabiano (Ramos, 2022, p. 16- 17).

Ele mesmo lhe dá a caracterização de bicho, uma vez que sentia orgulho em ser uma pessoa forte que não esmorecia diante das dificuldades e que sempre continuava fumando seu cigarro de palha. No romance, Fabiano é comparado a um macaco “[...] as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco” (Ramos, 2022, p. 17). Além disso, na obra temos outros trechos que remetem à familiaridade de Fabiano para com os animais como podemos constatar nos seguintes fragmentos “[...] só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra” (p. 18). Nestes trechos fica evidente a sua afinidade com os animais e, devido a sua tamanha rudeza, assemelhava-se a eles.

Na obra escrita por João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*, Severino também se descreve fisicamente de forma depreciativa, de modo que a desproporcionalidade entre os membros de seu corpo, surge como característica do grotesco (Kaiser, 2003 *apud* Pontes, 2014,), uma vez que “[...] o grotesco se manifesta como a ruptura com a simetria” (Pontes, 2014, p. 61). Podemos perceber uma desproporcionalidade no personagem Severino na obra *Morte e vida severina* no seguinte trecho:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas [...].
(Mello Neto, 2010, p. 74-75).

Em outras palavras, no fragmento acima, podemos perceber a diferença de proporção entre sua cabeça e suas pernas, ocasionando uma dificuldade para os membros inferiores sustentarem os membros superiores causando, assim, um indício da presença do grotesco em sua caracterização.

Quanto à classificação dos Pobres Diabos, Pontes (2014), a partir do conceito inicial da categoria de análise, criou o conceito de Pobre Diabo Rebaixado, uma subcategoria de análise onde o Pobre Diabo pode ser classificado em três categorias e em todas é considerado fracassado. Quando o Pobre Diabo participa de duas ou mais destas subcategorias, passa a ser considerado um Pobre Diabo Rebaixado. São elas: o Pobre Diabo Físico, o Pobre Diabo Moral e o Pobre Diabo Social.

O Pobre Diabo Físico é um ser desprovido de saúde e força física que, geralmente, é caracterizado por aspectos grotescos e possui alguma deformação ou doença. O Pobre Diabo Moral é um personagem que pode agir em busca de seus próprios interesses, sempre em benefício próprio, totalmente sem escrúpulos, ou sofre as consequências da dependência a quem detém o poder, principalmente o econômico. Já o Pobre Diabo Social é um personagem cuja pobreza e ausência de bens materiais se faz presente em seu cotidiano e, por esta razão, a decadência social é uma realidade para estes personagens.

Tanto Fabiano, junto de sua família, quanto Severino podem ser considerados Pobres Diabos Rebaixados. Ambos os personagens fazem parte da subcategoria Pobre Diabo Físico, já que Fabiano pode ser considerado um ser deformado, pois ao andar “pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio” (Ramos, 2022, p. 18). E, Severino também por poder ser descrito pelos mesmos aspectos (desproporcionais), e também por apresentar problemas de saúde causado pelas más condições de vida, como podemos ver no fragmento abaixo:

no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte que se morre
de velhice antes do trinta, [...].
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade, [...])
(Mello Neto, 2010, p. 75-76).

O ventre crescido⁵, citado no trecho acima, é um sintoma grave de desnutrição, bem como o sangue apresentar pouca coloração é um sinal de que os glóbulos vermelhos presentes no sangue estão em falta no organismo, indicando, assim, a presença de anemia.

Além disso, por sempre ser inferiorizado e oprimido diante dos detentores do poder, Fabiano pode ser considerado um Pobre Diabo Moral. Como relatamos acima, o retirante sofre na relação de trabalho com seu chefe, sendo sempre inferiorizado, além de ser roubado ao fazer compras no mercantil de seu patrão e de outras pessoas, onde, com frequência, era cobrado a

⁵ A falta de proteína na dieta pode acarretar um tipo de desnutrição grave, a Kwashiorkor. Dentre seus principais sintomas está o inchaço na barriga.

mais do que o valor correto e, por mais que estivesse tudo dentro do esperado, nunca tinha seu trabalho reconhecido.

Na trama, Fabiano também sofre represália de um soldado, o ‘soldado amarelo’ que o prendeu injustamente sem direito a defesa:

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando [...] (Ramos, 2022, p. 29).

No trecho acima percebemos a injustiça sofrida pelo migrante que, depois de jogar uma partida de baralho e perder o dinheiro que tinha, xingou a mãe da autoridade depois de suportar implicações e, por isso, foi preso.

Além destas categorias, podemos afirmar que tanto Fabiano quanto Severino podem ser classificados como Pobres Diabos Sociais, uma vez que a falta de dinheiro e de bens materiais é uma realidade presente na vida dos personagens. Severino não possui bens materiais e poder aquisitivo, o que pode ser observado no fato dele ser um retirante que, durante toda a trama, está procurando um lugar para fazer morada e um trabalho em que possa tirar seu sustento.

Atrelado a isso, a família de Fabiano permaneceu na fazenda por não ter para onde ir e nem ter o que comer. Além disso, eles também não tinham muitas roupas, não acendiam o candeeiro com frequência para economizar o querosene, não possuíam objetos de valor e dormiam em cama de varas por não ter condições de comprar uma de couro, como descreve o trecho a seguir:

Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. Fabiano a princípio concordara com ela, [...]. Poderiam adquirir o móvel economizando na roupa e no querosene. Sinha Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa. Tinham discutido, procurado cortar outras despesas (Ramos, 2022, p. 39).

Dessa maneira, podemos constatar, através dessa análise, não somente a caracterização dos personagens que os tornam Pobres Diabos, como também a participação de ambos nas subcategorias de análise do presente conceito. Para tanto, uma vez Pobres Diabos, daremos seguimento à pesquisa com o estudo dos personagens na condição de Pobres Diabos através do Idealismo Neutralizado.

3 A ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E O IDEALISMO NEUTRALIZADO NAS OBRAS REGIONALISTAS *VIDAS SECAS* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Como já mencionado anteriormente, este trabalho objetivou estudar o romance *Vidas secas*, escrito em 1938 por Graciliano Ramos, e o poema *Morte e vida severina*, escrito em 1956 por João Cabral de Melo Neto. Vamos analisar o diálogo entre as obras realçando os aspectos que as aproxima, o processo de marginalização imposta aos personagens e a neutralização de suas parcas e momentâneas conquistas.

A literatura comparada, através da qual iremos confrontar as duas obras, ganhou impulso no século XIX onde as ciências naturais buscaram comparar estruturas semelhantes que dialogassem entre si. Dessa forma, para Moisés (1982, p. 201 *apud* Carneiro 2013, p. 25) “a literatura nasce da literatura: cada nova obra é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes”.

Mesmo diante de tanta opressão dos detentores do poder e nas tentativas de ultrapassar os desafios impostos pelas severas condições climáticas nas quais viviam, eles não perdem a esperança de dias melhores. No entanto, em ambas as obras, sempre que os personagens conquistavam (ou pensavam que conseguiriam) um lugar digno para viver, longe das dificuldades impostas pela seca, eles terminavam o perdendo e voltando para o estágio inicial de procura e, assim, dando início a mais um ciclo de fracasso. Dessa forma, temos um personagem marginalizado que sofre o processo de exclusão de um grupo, tornando-se um Pobre Diabo por meio do Idealismo Neutralizado.

3.1 O IDEALISMO NEUTRALIZADO PRESENTE EM *VIDAS SECAS* E *MORTE E VIDA SEVERINA*

Diante de um presente insatisfatório, o ser humano projeta em sua imaginação situações melhores para superar uma realidade que o oprime e o priva de participar da tão desejada melhoria de vida e alcançar o objetivo de conseguir uma vida digna que lhe proporcione condições de viver sem tanto sofrimento e exclusão. Neste contexto, as narrativas analisadas convergem em vários aspectos. Mesmo diante de vários fracassos, os personagens não perdem a esperança de conseguirem solucionar os empecilhos que os impedem de alcançar seus

objetivos. Eles são sempre impulsionados pelo anseio de que em algum momento de sua trajetória consigam alcançar uma vida mais justa e digna, com moradia e trabalho estável. Porém, em ambas as obras, depois de conseguir ou quase conseguir uma conquista, em momento posterior o personagem enfrenta o seu ‘apagamento’, vindo, mais uma vez, para o fracasso.

Em *Vidas secas*, os personagens conseguem encontrar uma fazenda abandonada onde Fabiano ‘encheu-se’ de esperança de que, junto a ela, chegasse também uma vida melhor para eles. Uma vez que, para Fabiano, ao chegar o inverno:

A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos, animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde (Ramos, 2022, p. 13).

Para ele, o sofrimento existiria apenas no passado através de lembranças. Desde a chegada ao Juazeiro, o sentimento de que, finalmente, a fartura e a abundância teriam chegado em suas vidas se fez presente em seus corações, como podemos ver no trecho a seguir: “Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. [...] - e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera” (Ramos, 2022, p. 16).

Porém, com o passar do tempo, a seca se fez presente no sítio e a certeza de Fabiano em ter encontrado um lugar farto para viver foi quebrada, pois a fazenda verdejante deu lugar a uma propriedade com “[...] folhas secas [...] trituradas pelos redemoinhos [...] [com] os garranchos [...] negros, torrados” (Ramos, 2022, p. 113).

Desse modo, Fabiano e sua família não conseguiram continuar na fazenda, tendo que, mais uma vez, mesmo inconsolados, iniciar uma nova jornada em busca de outro abrigo que lhes trouxesse novamente a esperança de poder viver uma vida com mais conforto e dignidade:

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. [...] Saíram de madrugada. Sinha Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a taramela. Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de bois que apodrecia, os juazeiros. [...] Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul [...]. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido (Ramos, 2022, p. 113-114).

Mesmo diante da chegada da seca, eles prepararam a viagem de forma lenta, uma vez que eles ainda tinham a esperança de não precisarem migrar, mas, diante de tamanha secura da terra, a única opção plausível foi iniciar a retirada e, desta vez, decidiram ir em direção ao sul, onde eles poderiam morar em uma cidade grande e as crianças poderiam frequentar escolas para construir conhecimentos necessários no cotidiano.

Vale ressaltar que, na obra, o desejo de encontrar morada, trabalho e uma vida melhor era maior que o medo, o sofrimento e a desesperança em ter que abandonar a fazenda e seguir em retirada para outro lugar que lhes trouxesse menos sofrimento:

Aproximavam-se agora dos lugares habitados, haveriam de achar morada. Não andariam sempre à toa, como ciganos. O vaqueiro ensombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar. Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia entregar-se a outras ocupações, e Fabiano estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança. Que fazia ali virado pra trás? Os animais estavam mortos. [...] Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns anos; o patrão, o soldado amarelo e a cachorra Baleia esmoreceram no seu espírito. [...] Agora Fabiano estava meio otimista. [...] talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. [...] Sinha Vitória combateu a dúvida. Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira? [...]. Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias (Ramos, 2022, p. 117-119).

Podemos perceber que não somente Fabiano, mas também sua esposa possui o desejo de mudar a realidade atual. Eles possuem o sonho de migrar para uma região distante, aprender outros costumes e não voltar para o lugar onde enfrentaram tanto sofrimento, fome, cansaço, falta de moradia e de água

Ao passo em que eles caminhavam em direção ao sul, as lembranças da fazenda na caatinga, da cachorra Baleia, das repressões que enfrentara de seu patrão e do soldado amarelo iam sendo abandonadas e cedendo espaço para a esperança de poderem viver em um lugar onde seriam reconhecidos e teriam melhores oportunidades de trabalho, moradia e educação.

[...] Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catanga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiram à saudade que ataca os sertanejos na mata. [...] fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes (Ramos, 2022, p. 119-120).

Portanto, assim como no início, a obra termina com os retirantes esperançosos de encontrarem uma vida melhor que os proporcionassem melhores condições de vida do que a realidade atual:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, [...]. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. [...] E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias (Ramos, 2022, p. 123-124).

Concomitantemente, durante a sua retirada, Severino também possui a expectativa de encontrar o tão sonhado lugar para morar e trabalhar. Logo no início da obra nos deparamos com um Severino que também possuía o desejo de ir em busca de melhores condições de vida, como podemos ver no trecho a seguir em que o personagem faz menção à emigração:

Mas, para que me conheçam
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra
(Mello Neto, 2010, p. 76).

O desejo de Severino não era o de acumular riquezas e, sim, de encontrar um lugar que lhe proporcionasse melhorias na qualidade de vida sem ser assolado pelas consequências trazidas pela seca:

O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
da tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.
(Mello Neto, 2010, p. 92).

Para Severino, o seu desejo principal era o de prolongar os seus dias de vida sem se preocupar com a falta de comida e trabalho, uma vez que, na caatinga, é comum a ocorrência de morte antes dos trinta anos devido a doenças, má alimentação. Assim, em condições insalubres de um árduo trabalho na lavoura, restava-lhe somente a emigração como opção.

Durante seu trajeto, ele percorreu alguns lugares, porém não viu diferença entre as regiões pelas quais ele passou. Todas possuíam morte e pobreza e, ao constatar a falta de oportunidade de trabalho para ele, decidia seguir viagem para seu destino final:

Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga,
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é mínima.
Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:
pois é igual o querosene
que em toda parte ilumina,
e quer nesta terra gorda,
quer na serra, de caliça,
a vida arde sempre com
a mesma chama mortífera. [...]
Sim, o melhor é apressar
o fim desta ladainha,
fim do rosário de nomes
que a linha do rio enfia;
é chegar logo ao Recife,
derradeira ave- maria
do rosário, derradeira
invocação da ladainha,
Recife, onde o rio some
E esta minha viagem se fina.
(Mello Neto, 2010, p. 93-94).

Por mais que num momento inicial, ao chegar em uma região, Severino considere o lugar bom para se viver, ele não consegue permanecer no local, tendo que continuar à viagem. A exemplo disso em uma passagem da obra, Severino, durante sua peregrinação, decide parar ao escutar uma cantoria e idealizar a realização de uma novena ou até mesmo uma festa, porém, ao chegar no local, depara-se com um funeral de um ‘Severino’ sendo realizado e, para sua surpresa, a cantoria é uma incêlência, que de acordo com Torres (2012) é uma reza cantada cujo objetivo é o defunto enganar os demônios e se defender deles durante sua trajetória no mundo dos mortos. Todavia, Severino ainda possui a esperança de poder parar por um tempo nesta região para descansar ou até mesmo conseguir trabalho permanente e encerrar sua trajetória por ali mesmo:

Na verdade, por uns tempos,
parar aqui eu bem podia
e retomar a viagem
quando vencesse a fadiga.

Ou será que aqui cortando
 agora a minha descida
 já não poderei seguir
 nunca mais em minha vida?
 (será que a água destes poços
 é toda aqui consumida
 pelas roças, pelos bichos,
 pelo sol com suas línguas?
 será que quando chegar
 o rio da nova invernia
 um resto de água do antigo
 sobrá nos poços ainda?)
 Mas isso depois verei:
 tempo há para que decida;
 primeiro é preciso achar
 um trabalho de que viva
 (Mello Neto, 2010, p. 83-84).

O retirante possui a esperança de que nesta região tenha água em abundância, de modo que não seque de um inverno para o outro ou que não seja consumida completamente por roças e bichos.

Porém, ao perguntar a uma moradora da região que se encontrava à beira de uma janela, se naquele lugar haveria trabalho para um lavrador, vaqueiro ou em algum engenho, tem sua esperança de permanecer na região interrompida, uma vez que no lugar só havia ocupação para os operários que trabalham com a morte, como curandeiras, rezadeiras e coveiros:

- Muito bom dia, senhora,
 que nessa janela está;
 sabe dizer se é possível
 algum trabalho encontrar?
 - Trabalho aqui nunca falta
 a quem sabe trabalhar;
 o que fazia o compadre
 na sua terra de lá?
 - Pois fui sempre lavrador,
 lavrador de terra má;
 não há espécie de terra
 que eu não possa cultivar.
 - Isso aqui de nada adianta,
 pouco existe o que lavar;
 mas diga-me, retirante,
 que mais fazia por lá? [...]
 e além da terra, me diga,
 que mais sabe trabalhar?
 -Sei também tratar de gado,
 entre urtigas pastorear:
 gado de comer do chão
 ou de comer ramas no ar.
 - Aqui não é Surubim

nem Limoeiro, oxalá!
 Mas diga-me, retirante,
 que mais fazia por lá?
 - Em qualquer das cinco tachas
 de um banguê sei cozinhar;
 sei cuidar de uma moenda,
 de uma casa de purgar. [...]
 nada mais o retirante
 aprendeu a fazer lá? [...]
 mas diga-me retirante,
 sabe benditos rezar?
 sabe cantar excelências,
 defuntos encomendar?
 sabe tirar ladainhas,
 sabe mortos enterrar? [...]
 - Pois se o compadre soubesse
 rezar ou mesmo cantar
 trabalhávamos a meias [...].
 (Mello Neto, 2010, p. 84-86).

Então, ao perceber que não conseguiria sobreviver naquele lugar, já que não tinha oportunidade de trabalho para o seu ofício, decide continuar sua jornada, configurando, assim, um ciclo de esperança seguido de fracasso.

Atrelado a isso, ao chegar na Zona da Mata, ele se depara com um lugar verde contendo água, o qual julga, uma vez que não encontrou ninguém por lá, ser uma região onde as pessoas pode descansar, não tendo uma rotina de trabalho exaustiva que os faz envelhecer antes dos trinta anos. Desta forma, mais uma vez, ele considera a possibilidade de permanecer e fazer do local sua morada:

- Bem me diziam que a terra
 se faz mais branda e macia
 quanto mais do litoral
 a viagem se aproxima.
 Agora afinal cheguei
 nessa terra que diziam.
 Como ela é uma terra doce
 para os pés e para a vista.
 Os rios que correm aqui
 Têm a água vitalícia.
 Cacimbas por todo lado;
 cavando o chão, água mina. [...]
 Quem sabe se nesta terra
 Não plantarei minha sina? [...]
 Por onde andará a gente
 que tantas canas cultiva?
 Feriando: que nesta terra
 tão fácil, tão doce e rica,
 não é preciso trabalhar

todas as horas do dia,
 os dias todos do mês,
 os meses todos da vida.
 Decerto a gente daqui
 jamais envelhece aos trinta
 nem sabe da morte em vida,
 vida em morte, severina;
 e aquele cemitério ali,
 branco na verde colina,
 decerto pouco funciona
 e poucas covas aninha
 (Mello Neto, 2010, p. 88-89).

Todavia, os trabalhadores da região não estão trabalhando, pois encontram-se no sepultamento de um lavrador vítima da prática de latifúndio presente na região. Mesmo com tanta água e plantios, a única terra que o defunto teve ‘direito’ foi a de sua cova e, diante de mais uma expectativa frustrada, Severino seguiu viagem para o seu destino final: a capital de Pernambuco, Recife.

- Essa cova em que estás,
 com palmos medida,
 é a conta menor
 que tiraste em vida.
 - É de bom tamanho,
 nem largo nem fundo,
 é a parte que te cabe
 deste latifúndio. [...]
 - É uma cova grande
 para teu pouco defunto parco,
 porém mais que no mundo
 te sentirás largo.
 (Mello Neto, 2010, p. 89).

Para a surpresa de Severino, ao chegar em Recife, ele tem a quebra total de sua expectativa ao presenciar um diálogo entre dois coveiros logo na sua chegada à cidade. Para eles, os retirantes enganam-se ao pensar que a capital pernambucana é um bom lugar para buscar abrigo e melhores oportunidades de vida, longe das adversidades impostas pela seca, pois somente irão encontrar a morte e nada mais:

- O dia hoje está difícil;
 não sei onde vamos parar.
 Deviam dar um aumento,
 ao menos aos deste setor de cá. [...]
 Se trabalhasses no de Casa Amarela
 Não estarias a reclamar.
 De trabalhar no de Santo Amaro

Deve alegrar-se o colega
porque parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.
- É que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.
Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei). [...]
- É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar
Não têm mais o que esperar.
- Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
-E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar. [...]
quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.[...]
- Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidades e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ou meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro seguia.
só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida

e pedir a este rio,
 que vem também lá de cima,
 que me faça aquele enterro
 que o coveiro descrevia:
 caixão macio de lama,
 mortalha macia e líquida
 coroas de baronesa
 junto com flores de aninga,
 e aquele acompanhamento
 de água que sempre desfila
 (Melo Neto, 2010, p. 94-100).

Ao final da trama, com o nascimento do filho do mestre Carpina podemos fazer uma analogia entre a vida e a morte, o que em outras palavras o nascimento da criança simboliza a continuação da vida, mesmo com tamanha pobreza e sofrimento.

- Compadre José, compadre,
 que na relva estais deitado:
 conversais e não sabeis
 que vosso filho é chegado?
 Estais aí conversando
 em vossa prosa entretida:
 não sabeis que vosso filho
 saltou para dentro da vida
 ao dar seu primeiro grito;
 (Mello NETO, 2010, p.103)

Dessa forma, através desta análise podemos constatar que ambos os personagens estudados podem ser considerados Pobres Diabos por características específicas próprias de sua classificação e, além disso, eles tornam-se Pobres Diabos através do Idealismo Neutralizado, sempre enfrentando a derrota ao tentar alcançar seus desejos, não conseguindo, assim, materializar seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a região Nordeste do país além de ser assolada com seca também sofre com a prática de latifúndio. Em decorrência disso, os habitantes dessa região vivem à mercê das consequências impostas por este fenômeno climático, o que faz com que eles necessitem migrar para uma região que não sofra com este fenômeno e que lhes apresente uma vida sem tamanho sofrimento.

Das discussões sobre a noção e as características do Pobre Diabo, destacamos que o termo traz um sentido de negatividade para representar personagens marginalizados que percorrem em processos de conquistas e apagamentos. Sua categorização acontece em três níveis: Pobres Diabos Moral, Físico e Social, sendo possível o entrecruzamento entre essas categorias que resulta no conceito de Pobre Diabo Rebaixado.

Tanto Fabiano quanto Severino podem ser considerados Pobres Diabos, uma vez que, diante dos empecilhos impostos pela seca, eles fracassam em seus objetivos, vale ressaltar que condição de personagens marginalizados, que vivem isolados, sofrem repressões das pessoas que possuem mais poder e não possuem dinheiro os tornam impotentes de romper o ciclo de fracasso à qual vivem.. Além disso, eles também são considerados Pobres Diabos Rebaixados. Fabiano participa, simultaneamente, das três subcategorias de rebaixamento, a física, a moral e a social, em decorrência do aspecto físico grotesco, a opressão das pessoas que possuem mais poder que ele e falta de bens materiais e recursos financeiros. Severino, por sua vez, participa de duas subcategorias, a física e a social, pois ele apresenta sinais de desnutrição e falta de poder aquisitivo.

Destacamos também a relação entre a marginalização e o Idealismo Neutralizado nas obras, onde mesmo tendo o anseio de melhorar de vida, sempre que, ao conseguir, ou quase conseguir uma conquista, ocorre a desilusão de perdê-la, trazendo-os para o nível do fracasso. Apesar de tamanha exclusão e opressão sofrida pelos personagens, eles não perdem a esperança de conseguir um lugar melhor para viver, longe das dificuldades trazidas pela seca.

Dessa forma, constatamos que os personagens analisados são considerados Pobres Diabos através do Idealismo Neutralizado, ou seja, por meio do contraste entre avanços e recuos vivenciados por eles nas obras, assim, os personagens tornam-se seres fracassados, uma vez que enfrentam o processo de realização de seus desejos e, logo em seguida, a desrealização destas conquistas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 28, p. 113-124, 2006.
- BOTOSO, Altamir. Opressores e oprimidos: uma leitura do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1/2, p. 49-66, 2013.
- BROMBERT, Victor. **Em louvor dos anti-heróis**: Figuras e temas da moderna literatura europeia, 1830-1980. São Paulo: Atêlie Editorial, 2001.
- CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A Representação da Figura Feminina em *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho e *Lucíola* de José de Alencar: uma análise comparativa**. 2013. 64f. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4527/1/PDF%20-%20Ana%20Paula%20Lima%20Carneiro.pdf>. Acesso: 12 fev. 2024
- DORNELAS, Rui Uchoa. Entre o real e o imaginário: a ficção literária como apreensão do mundo. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 108-121, 2020.
- LIMA, Eloísa Aparecida Cerino Rosa. **Vidas secas**: representação estética e política. 2013. 70f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília, Planaltina, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7247/1/2013_EloisaAparecidaCerinoRosaLima.pdf . Acesso em: 17 fev. 2024.
- MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- DIONIZIO NETO, Manuel; ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos. **Diferentes abordagens sobre espaço e tempo**. Campina Grande: EDUFCG, 2010.
- PAES, José Paulo. **A aventura Literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- PONTES, Carlos Gildemar. **Seres ordinários**: o anão e outros pobres diabos na literatura. Fortaleza: Edições Acauã; João Pessoa: Editora da UEPB, 2014.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 158. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- SANTOS, Maria de Lourdes Dionisio Santos. **Cronotopia e tranfiguração da paisagem em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos**. 2015. p.159-170. Disponível em: http://revistatopus.com.br/edicao_.asp?cod=14&edicaoCod=1. Acesso em: 12 abri. 2024.
- SANTOS, Thamires. **Marginalização**. Educa mais Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/marginalizacao>. Acesso em: 19 nov 2024

TORRES, Maria Augusta de Sousa. **Ensino religioso e literatura: um diálogo a partir do poema Morte e vida severina**. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/324/1/dissertacao_maria_augusta.pdf . Acesso em: 12 jun. 2024.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTAR

ALVES, Paula de Sousa. **O sentido da Morte no poema “Morte e vida severina”**. 2014. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Catolé do Rocha, 2014. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4864/1/PDF%20-%20Paula%20de%20Sousa%20Alves.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

AMARAL, Gabriela Pacheco. **As vozes que silenciam os "eus" de Fabiano, em Vidas Secas, de G. Ramos**. 2016, 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso) – Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/RMSA-AHVM4P/1/1788m.pdf> . Acesso em: 25 maio. 2024.

BAUWELZ, Joancio Fernando. **Pessoa, lugar e esperança: teologia e literatura em vidas secas**. Rio Grande do Sul: Editora da PUCRS, 2022.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. **Tempo social**. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 191-212, 2011.

BRANDÃO, Fernanda Costa Moraes Lopes. **A representação do nordestino resiliente e a construção da identidade nacional no poema Morte e vida severina**. 2021. 85f. Dissertação (Mestrado em estudos literários) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/bitstream/1/18550/2/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Fernanda%20Costa%20Moraes%20Lopes%20Brand%20a3o%20-%202021%20-%20Completa.pdf> . Acesso em: 25 jun. 2024.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

DA ROCHA, Gerlane Gomes; GOMES, Rodrigo Dutra. A influência do movimento regionalista de 1926 na formação do ideário geográfico do Nordeste. *In: Encontro Nacional de Geógrafos e Geógrafas*, 20., São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: AGB, 2022.

DE ALMEIDA CARDOSO, Zelia A representação da realidade na obra literária. **Língua e Literatura**. São Paulo, v. 14, p. 161-167, 1985.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Ática, 1988.

FONTELLES, Mauro José *et al.* Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, Belém, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.

FRANÇA, Mírian Sousa Medeiros. **A representação da identidade do nordestino na obra de Vidas secas de Graciliano Ramos**. 2014. XXf. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LANDIM, Teoberto. **Seca: a estação do inferno**. Fortaleza: UFC, 1992.

MACHADO, Lohanna. **O Pobre diabo na Literatura brasileira: de José Paulo Paes a Chico Lopes**. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/44017/R%20-%20D%20-%20LOHANNA%20MACHADO.pdf?sequence=3&isAllowed=y> . Acesso em: 25 jan. 2024.

OLIVEIRA, Diego Bruno Silva de *et al.* O uso das tecnologias sociais hídricas na zona rural do semiárido paraibano: entre o combate à seca e a convivência com o semiárido. 2013. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9806/1/DiegoBrunoSilvaDeOliveira_Dissert.pdf . Acesso em: 10 jun. 2024.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da Literatura brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2004.

RÊGO, Helena Severino. **A vida “ao rés-do-chão”**: linguagem e exclusão social em vidas Secas. 2013. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2068/1/PDF%20-%20Helena%20Severino%20do%20R%20c3%a0ago.pdf> . Acesso em: 25 jun. 2024.

RENNER, Fabiani *et al.* Caso extremo de desnutrição Kwashiorkor marasmática em Moçambique. **Boletim Científico de Pediatria**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 2, p. 64-68, 2013.

RIBEIRO, Renildo. **Um itinerário de lutas e buscas: esperança e resistência em vidas secas, de Graciliano Ramos, e os flagelados do vento leste, de Manuel Lopes**. 2006. 123f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/486/1/Um%20itiner%C3%A1rio%20de%20lutas%20e%20buscas%20e%20esperan%C3%A7a%20e%20resist%C3%A2ncia%20em%20vidas%20secas%202> . Acesso em: 28 maio 2024.

TANJI, Isabelle Diniz. PEREIRA, Danglei de Castro. Modernismo em Maria Ângela Alvim. **ANAI DO ENIC**, [s. l.], v. 1, n. 3, 2015. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/1540>. Acesso em: 21 jun. 2024.